

JOÃO EDÊNIO VALLE

Nasce a Universidade Católica - 1946

A PUC de São Paulo nasce em 1946, dentro de um projeto global de presença nova do pensamento cristão no processo de mudança do Brasil e de São Paulo.

Já no início do século, em torno de 1906, no âmbito mais específico da Filosofia, havia sido fundada, aqui, na capital paulista, a Faculdade de Filosofia São Bento, pioneira em nosso País. Mostra que, já naquela altura, havia, da parte de cristãos católicos, interesse em marcar a vida intelectual, a cultura e o pensamento brasileiro com elementos nascidos da reflexão e dos valores cristãos.

De 1906 a 1946 são quarenta anos de profundas transformações. As revoluções de 30 e 32, a Semana de 1922, a fundação da USP haviam mudado de maneira significativa o panorama da cultura, da ciência, da política e da religião, em especial na capital paulista, que passava a exercer um papel de destaque no campo da ciência e da cultura.

A PUC surge como universidade e como universidade católica. Mas nasce da fusão de várias faculdades isoladas, devendo construir aos poucos sua identidade. Já em seu início ela teve alguns pensadores teólogos, professores que tiveram bastante influência na determinação de seus programas. Alguns vieram especialmente da Universidade de Louvain, Bélgica, para tomar a teologia presente nas discussões que a nova Universidade iria tomar possíveis.

O Departamento de Teologia

O Departamento de Teologia foi fundado à época da Reforma Universitária dos anos 70. Reunia professores com especialização bem diversificada, com a tarefa de discutir problemática religiosa contemporânea em todos os cursos da graduação.

Devido às leis emanadas do regime militar é criado o Ciclo Básico e se definem melhor os cursos de graduação. É introduzido nessa época, também, o Pós-Graduado.

Nesse contexto, o Departamento de Teologia passa a ter uma organização e uma

programação interna em tudo análoga à que caracteriza todos os demais departamentos da Universidade. Este novo “status” acadêmico viabilizava um intercâmbio mais fluente entre a Teologia e as outras áreas científicas.

A Teologia, revista à luz do Vaticano II, deixa de ser algo à parte, e se insere dentro da estrutura e do funcionamento da pesquisa e do ensino universitário como tal. É um grande passo. A matéria específica que cabia ao Departamento de Teologia era chamada de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo. E marcou época, aqui, na história da PUC, mas ao mesmo tempo confinou a reflexão teológica só ao primeiro ciclo dos estudos universitários, exatamente quando a PUC dava um salto qualitativo, cujo melhor ponto estava no Pós-Graduado.

Com o passar dos anos sentiu-se que no Pós-Graduado faltava um lugar mais específico, onde o fenômeno religioso pudesse ser abordado de maneira ampla, abrangente, e, principal mente, numa perspectiva teológica específica, abrindo espaço para as Ciências da Religião.

Foi daí que nasceu a ideia de se criar um programa específico em nível de Pós-Graduado, que pudesse cobrir esse vazio e, ao mesmo tempo, que pudesse oferecer aos professores do Departamento e a outros interessados a possibilidade de uma formação em mestrado e doutorado de qualidade.

No Brasil não havia, naquela época, programas desse tipo. Nas grandes universidades dos Estados Unidos e da Europa, programas desse tipo sempre fizeram parte da rotina universitária. No Brasil, devido a uma tradição laicista, de origem especialmente francesa, isto não aconteceu. Na universidade brasileira deu-se um corte bastante nítido entre o tratamento científico e teológico. A consolidação do Programa de Mestrado em Ciências da Religião vinha exatamente reaproximar, em termos científicos, esses dois mundos.

O grupo pioneiro buscava fazer uma ponte entre o estudo científico, nas suas várias vertentes, e o estudo propriamente dito do fenômeno da religião e do comportamento religioso mais voltados à situação brasileira.

O projeto, em 1978, foi aprovado pelo Conselho de Pós Graduação da PUC e pelo Conselho Universitário de Ensino e Pesquisa.

Dificuldades e passos iniciais

A PUC atravessava na época uma situação financeira extremamente difícil. Tornava-se praticamente impossível a contratação de um corpo docente com uma carga horária suficiente para orientar os trabalhos.

O corpo docente

Por essa razão buscou-se no corpo docente, já existente na PUC naquela época, alguns professores interessados no fenômeno religioso. Muito especialmente eram o professor Cândido Procópio Ferreira de Camargo, sociólogo da religião, a professora Beatriz Muniz de Souza, também ela socióloga da religião, o professor Luiz Eduardo Wanderley, sociólogo, e o professor Edênio Valle, com formação em psicologia.

Ao mesmo tempo, o programa começou a trazer professores convidados, habilitados no campo da reflexão teológica. Entre outros estiveram dando cursos, na fase inicial, o professor Hugo Assman, atualmente na Universidade de Piracicaba, e o professor Ruben Alves, que atuava na Unicamp.

Com esse pequeno grupo se deu início ao trabalho. O professor José J. Queiróz e o professor Gilberto Gorgulho entraram também logo no início, trazendo uma competência teológica for mal à equipe. Esse grupo, com um número muito reduzido de alunos, dá os passos iniciais do programa. A falta de recursos, a pequena carga horária à disposição dos professores, a carência de bolsas oferecidas pelo governo e pela universidade, tudo isto dificultou muito o encaminhamento propriamente acadêmico.

Os primeiros alunos tinham formação diversificada, mas de um modo geral, procediam de ambientes católicos com experiência pastoral e algum conhecimento de teologia. Havia também sociólogos e filósofos, entre eles.

As duas primeiras teses defendidas foram a de Giorgio Paleari, que atualmente ensina nos EUA, e a de Oneide Bobsin. Na primeira tese foram estudados o campo religioso brasileiro e a autoimagem dos líderes das religiões populares da umbanda. Na segunda pesquisou-se sobre o Pentecostalismo. Seguiram-se outras, mas poucas, devido ao escasso número de alunos e à deficiência de recursos.

O corpo discente

Foi necessário um período de quase dez anos para que o Programa pudesse de fato se estabilizar, adquirir identidade própria e assumir um lugar de mais destaque dentro do Pós Graduado da universidade, cumprindo as suas funções, que são basicamente três: a de criar uma massa crítica dentro da universidade com adequada formação científica no campo do es tudo das religiões; capacitar professores e especialistas para essa área por meio das teses de mestrado e, futuramente, de doutorado; dar início ao trabalho de pesquisa.

Nos anos 80, sob a coordenação do professor José J. Queiroz, dá-se uma virada. O corpo discente aumenta significativamente. Professores novos e especializados são contratados. Os núcleos de pesquisa se afirmam. Começam a ser redigidas dissertações não só em quantidade significativa como de bom nível científico-acadêmico. Quase vinte anos após sua fundação, pode-se dizer que o Programa de Ciências da Religião é, atualmente, um programa consolidado.

JOSÉ J. QUEIROZ

Comecei, aqui no Programa, como colaborador do Pe. Professor Edênio Valle e foi muito gratificante ter trabalhado com ele. Aprendi com ele como se trabalha na Pós-Graduação. Anteriormente, havia trabalhado no Ciclo Básico e na Graduação, e foi uma experiência realmente enriquecedora.

No Ciclo Básico ministrávamos uma disciplina chamada “Pensamento filosófico e teológico do homem contemporâneo” (PFTHC). Era uma disciplina obrigatória em todos os cursos da PUC. Começou em 1971.

Comecei com o Ciclo Básico e o Ciclo Básico começou comigo. A equipe que ministrava PFTHC era muito heterogênea, mas muito entusiasta e profunda. Havia pessoas de grande gabarito: filósofos, historiadores e teólogos. Motivava muito as pessoas, motivava muito os jovens. PFTHC era uma referência para o Básico. E, infelizmente, esse Básico caiu, de pois de uma luta muito grande, da qual fui protagonista; foi por volta de 1987. Foi uma pena. Naquela época eu era diretor do Instituto de Estudos Especiais da PUC, um órgão que teve enorme importância na universidade, especialmente na tarefa de estabelecer uma ponte entre a universidade e o contexto social. Uma ponte entre a universidade e os grandes problemas da sociedade.

O IEE, Instituto de Estudos Especiais, que dirigi durante quase dez anos, numa época muito difícil, teve uma atuação de fronteira, de ponta, na época da repressão, quando não havia espaço nenhum para o debate político, para o debate educacional, para o debate religioso, a não ser o mundo religioso tradicional.

O IEE, praticamente, abriu espaços na universidade e introduziu aqui dentro o debate. Mas não só introduziu o debate acadêmico, introduziu também o povo, que não podia debater, aqui dentro. Os encontros e seminários eram todos organizados em conjunto; o professor, e, em geral, os grandes especialistas, colaboravam com suas análises, contando com a presença das comunidades, do povo simples, dos trabalhadores, das CEBs, do movimento popular.

Comecei no IEE em 1975. E fui 1985 ou 1986, por aí. Naquele período, o Instituto organizou trabalhos muito relevantes. O primeiro deles, que marcou a presença, a visibilidade

do IEE, foi um estudo sobre cultura popular. Naquela época, falar em cultura popular era algo subversivo. O termo “popular” despertava uma suspeita nas autoridades do regime militar. Enfrentamos este primeiro tema, “Cultura Popular”, aqui na PUC em um grande Simpósio, trazendo pesquisadores de primeira linha, a maioria deles, evidentemente, de esquerda, de visão gramsciana, debatendo a cultura popular, em conjunto com as comunidades de base.

Trouxemos também, aqui, um teatro popular que trabalhava na periferia, e já começava a fazer aqueles espetáculos conscientizadores. O Simpósio deu origem a um livro, que se tomou, praticamente, uma espécie de texto clássico da cultura popular. Edênio Valle e eu organizamos o livro, publicado sob o título *A cultura do povo*; teve, se não me engano, cinco ou seis reedições, tal foi a procura. E outras atividades, que se eu for contar agora, vou ficar falando só de IEE, dez anos de IEE, ...

P. Como é que você começou em ciências da religião?

Edênio me chamou para colaborar com ele. Primeiro, para dar uma disciplina; naquela época creio que se chamava “Problemas Religiosos da Atualidade”, “Problemas Contemporâneos de Religião”. E então passei a fazer parte de uma equipe muito reduzida, como bem colocou Pe. Edênio. Éramos somente três pessoas, a maioria de professores convidados, porque, como disse o Pe. Edênio, a PUC não tinha condições de pagar um corpo docente.

Iniciei assim, colaborando com uma disciplina, depois, infelizmente para nós e felizmente para a Igreja do Brasil, Pe. Edênio foi eleito presidente da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil, paralela à CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A CNBB organiza, coordena e, ao mesmo tempo, articula os bispos. A CRB, Conferência dos Religiosos do Brasil, importantíssima, articula os religiosos do Brasil todo. Todos os religiosos do Brasil são articulados pela CRB, em todo o território nacional e com projeções internacionais, porque ela faz parte também de um organismo internacional de religiosos. E o Pe. Edênio foi eleito presidente desta Conferência.

Então, fui chamado para colaborar, em 1985. Pe. Edênio foi eleito presidente. Eu, então vice-coordenador do Programa, as sumi a coordenação pela primeira vez em 1989.

Fiquei como coordenador até 1997. Acho que nós dividimos um pouco a coordenação do programa, dez anos Edênio, e eu, quase outros dez. Quando entrei, defrontei-me com as dificuldades já apontadas. O meu desafio era enfrentá-las; o programa era muito pequeno (número reduzidíssimo de alunos, eram dez ou quinze), muito pouco conhecido, muito pouco divulgado, e a clientela era, em sua grande maioria, uma clientela religiosa e masculina. Religiosos significa padres do clero secular, padres do clero regular, uma ou outra religiosa, um ou outro pastor.

P. *E o seu objetivo era esse tipo de população?*

R. O Programa, quando assumi, tinha uma cara, por assim dizer, mais de reciclagem para religiosos do que de um programa de Pós-Graduação. Essa não era a intenção, nem do Pe. Edênio nem do grupo, mas era assim. Nós éramos poucos, contávamos com professores convidados, mas professor convidado não é professor efetivo: vem, dá um curso, dá uma palestra e depois volta para suas atividades. Não está aqui permanentemente. Não pode orientar os alunos, não está aqui para o dia a dia: então era uma situação muito precária.

E uma coisa puxa a outra: corpo discente reduzido, corpo docente também reduzido. Uma universidade paga não é uma universidade pública, que pode dar-se ao luxo de ter um corpo docente enorme para dez alunos...

Eu tinha que resolver esse problema. E era preciso que o Programa assumisse uma feição de Pós-Graduação. Isto significava: mais produção científica, mais produção de pesquisa dos professores, mais orientações, mas teses. Enfim, fazer-se visível na área das ciências da religião.

Então o que nós fizemos? Eu, em conjunto com a reitoria e com a presidência da Pós-Graduação, estipulei um plano para resolver as dificuldades do Programa com o dilema: ou cresce ou se consolida... ou acaba...

Era esse o dilema mesmo. Como se diz, ou vai ou racha. Assim, fizemos um plano de reestruturação e consolidação, com metas de curto, médio e longo prazo. A curto prazo, era absolutamente necessário aumentar o corpo discente. Para isso era necessária uma grande divulgação do programa: fazê-lo sair do âmbito restrito dos muros da universidade. Aliás, nem na universidade era conhecido (até mesmo entre nós era pouco conhecido):

começar a atrair uma população mais heterogênea, isto é, sair um pouco da linha do religioso (o religioso sempre continuou bem-vindo e continua) e do masculino.

P. *Chegamos nós...*

R. Pois é, e aí a mulherada chegou em peso.

P. *E essa mulherada mobiliza mesmo.*

R. Ah, foi ótimo, a coisa mais linda que aconteceu! Então, o Programa começou a ter melhores condições. Entraram alunos, jovens, muitos também já formados, profissionais, mulheres, professoras, psicólogos e psicólogas clínicas. Enfim, houve uma resposta para mim impressionante; eu não esperava. Mas essa resposta foi plausível, coincidiu exatamente com esse grande interesse, do mundo e do Brasil, pelo fenômeno religioso e pelo estudo da religião. Coincidiu com o retorno, eu diria quase que explosivo, do sagrado.

Eu acho que peguei a maré certa. Então o programa começou a crescer. De quinze nós passamos para trinta, de trinta para quarenta; cada ano em que fazíamos a divulgação do Programa a demanda continuava crescendo, até chegar, não sei bem as estatísticas atuais, mas creio que estamos com noventa alunos.

Houve realmente uma grande receptividade à proposta do Programa. Isso foi um passo fundamental, pois daí tínhamos cacife para exigir, para pleitear da reitoria o aumento do corpo docente. Começamos a convidar mais professores. Veio Frei Gorgulho, depois Ênio, Fernando Londoño e Eduardo Cruz; os primeiros quatro que começaram a constituir uma equipe mais consistente.

Depois veio Baraúna. E os novos, Denise Ramos, Jung Mo Sung, Maria José F. Rosado Nunes. Baraúna não é professor contratado pela universidade: é professor pesquisador, adjunto, remunerado por uma bolsa do CNPQ para realizar uma pesquisa internacional a respeito do Concílio Vaticano II. Então, a equipe realmente se consolidou.

Desde o início, o objetivo do curso é estudar o fenômeno religioso na América Latina, no Brasil em sentido amplo; e isso já aparece nas primeiras dissertações. A primeira dissertação, de Giorgio Paleari, foi sobre aspectos da identidade da Umbanda. A segunda dissertação, de Oneide Bobsin, foi sobre o trabalho do Pentecostalismo. A terceira foi de Daniel Balzan, e consistiu em um estudo da mulher e cor na CEBs de Osasco.

E, aí, as teses foram acontecendo, segundo as propostas e as linhas do Programa. Com o corpo docente cada vez mais consolidado, aumentou o número da produção acadêmica. As dissertações, que eram uma ou duas a cada dois anos, às vezes uma por ano, começaram a aparecer num ritmo crescente.

Agora, nós já estamos na segunda meta ambiciosa, de oito dissertações por ano, que é um resultado muito satisfatório de produção científica do corpo discente. Os professores também começaram a se dedicar à pesquisa e a publicar. As publicações começaram de forma modesta, internamente, com o Boletim. Depois criamos o CRE, “Coleção Ciências da Religião”, que já publicou Interfaces do Sagrado e, agora, vai publicar o segundo número, já pronto. Os alunos também estão se mobilizando. Ótimo... Então, o programa atingiu as metas de curto prazo; corpo discente e corpo docente ampliados, produção científica consistente.

A meta, a médio prazo, era a consolidação do Programa. Ele estava na letra C (chegou a estar na letra C “menos”). Esta letra C é a pior, mas não é absolutamente satisfatória: letra C significa um programa que está tentando se consolidar. Era preciso, então dizer, tanto para o público interno da PUC, como para a Reitoria, para os outros programas, para a presidência e para nós mesmos que o programa estava se consolidando. Por isto era necessário que o programa atingisse a letra B. Letra B significa programa consolidado. E foi o que nós conseguimos ainda no meu mandato. No último ano de mandato, a avaliação da CAPES conferiu a letra B.

Uma meta que nós não conseguimos foi a ampliação das bolsas. Infelizmente, essa meta não foi conseguida. É o que acontece na periferia das grandes cidades do Brasil; ela cresce, cresce e a infraestrutura não acompanha. Duas infraestruturas não acompanharam nosso crescimento, a de apoio ao aluno, por meio de bolsas, e a de espaço físico do Programa.

Até o ano passado tínhamos espaço físico reduzidíssimo, porque ainda éramos considerados como aquele programinha de dez, quinze alunos, que pode muito bem pegar um cantinho do corredor e aí trabalhar. O Programa cresceu e o espaço físico não acompanhou. O Programa cresceu e as bolsas não acompanharam. Quando eu o assumi nós já tínhamos, se não me engano, cinco ou seis bolsas para quinze alunos, o que era

ótimo, 50% dos alunos eram bolsistas.

As bolsas cresceram e hoje temos dezesseis, mas o programa tem noventa alunos e as bolsas não acompanharam. Estamos agora numa situação muito difícil. E é isso que provoca essa crise, muito justificada, do aluno que entra com muito boa vontade, mas não consegue enfrentar as dificuldades financeiras. E isso cria uma oscilação. Ele sai por uns seis meses, respira... volta novamente; essa oscilação realmente não devia acontecer. Bolsa para todos os alunos, como, em geral, outros programas têm, muito mais aquinhoados do que nós. A maioria deles tem 80% de bolsas com relação ao número de alunos, alguns 100%; até sobram bolsas. Enfim, é a imagem da distribuição de renda no país.

A meta a longo prazo é elevar o programa a um grau de excelência. Um grau de excelência se consegue quando o programa está na letra A, e, em geral, são programas que já têm um doutorado, além do mestrado. Portanto, a meta a longo prazo se tomou, agora, para nós, meta a curto prazo. O nosso grande objetivo é o doutorado do programa. E incentivar, ampliar, aprofundar o trabalho de teses, as pesquisas, e, em geral, as pesquisas grupais, as publicações, para que o programa tenha uma visibilidade não só interna, da PUC, mas no conjunto nacional, na área de ciências da religião e em nível internacional. Nós estamos ampliando os canais de publicação. Também a presença do professor em simpósios, congressos. E dos alunos também. A participação intensa em reuniões e trabalhos científicos vai criando uma visibilidade, ao mesmo tempo, um grau de excelência. Esta presença já acontece. Nós temos assessores do Programa em quase todas as entidades de ensino e pesquisa. No CNPQ, na Capes, no Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC, na SOTER (Associação dos Teólogos e Cientistas da Religião do Brasil), na ANPTER, (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião).

P. *Do que depende a formação de um doutorando?*

R. Depende de nós, evidentemente. Depende de um bom projeto, tramitado na Pós-Graduação, no CEP, que é o Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC, e no Conselho Universitário. Depois ele vai para a Capes.

P. *E esse projeto já está sendo realizado?*

R. O projeto, sim, já estamos tendo reuniões, já há uma espécie de esquema inicial. O que se está discutindo é: qual seria a "cara" desse Programa? Para q u ê ?

Para quem? E, afinal, qual seria a proposta característica do doutorado, com relação ao mestrado e à área de ciências da religião. Essa, portanto, é a nossa preocupação atual. Levar o programa a um nível de excelência

P. *E vocês já têm algumas respostas sobre qual seria a cara desse doutorado?*

R. Não, nós estamos conversando...

P. *"Gestando"...*

R. É, gestando. Este é o ponto fundamental. Resolvido es te ponto, o resto mais é tramitação burocrática, é algo quase que corriqueiro,mas que exige minuciosas informações, do corpo docente, do corpo discente, informações a respeito da estrutura curricular, ementas, disciplinas, núcleos; enfim, uma estruturação muito meticulosa, que passa por todos os canais da PUC e, depois, vai para a Capes, que também é rigorosa. Nós esperamos que essa tarefa seja enfrentada agora, em 1998, coma intenção de inaugurá-lo em 1999. Essa é a proposta. Não sei se vamos ter fôlego. Tenho esperança que sim.

P. *Como você está vendo a cara do Programa, hoje?*

R. O Programa, hoje, é um Programa de respiro muito grande. Atividade intensa. Tanto interna quanto externa. Se você der uma olhada no relatório Capes, e, se não quiser ter acesso a esse relatório, se você olhar os boletins, você vai ver que o corpo docente é de enorme produção. Produção científica, produção curricular, produção acadêmica em sentido amplo. Tanto dentro quanto fora da PUC. Uma presença muito grande. Então, há uma cara de dinamismo muito grande. O corpo discente está cada vez melhor. Nós temos tido dissertações de mestrado- eu comento sempre – que poderiam ser apresentadas para um doutorado e fariam uma bela figura. Os outros professores e eu andamos por aí e passamos por bancas de mestrado de outros programas, fora da PUC; vemos a qualidade das dissertações que são oferecidas fora do nosso programa, e comparamos com as nossas. Realmente, as nossas, a maioria delas, são dissertações de muito boa qualidade. Outra cara muito importante do nosso Programa é a interdisciplinaridade. E a heterogeneidade. É um desafio e, ao mesmo tempo, é algo fantástico.

P. *E acompanha, o espírito da época.*

R. Sim. Outra coisa é o espírito de amizade, tolerância e fraternidade que há no Programa. São pessoas que vêm dos mais variados credos, convicções, visões, e aqui se

sentem bem, trocam, discutem, como pessoas adultas e respeitosas da alteridade.

P. *Eu creio que isto também pode ser um reflexo de vocês, da equipe; sente-se em vocês uma equipe forte, unida, um clima de cooperação.*

R. Eu acho que sim, e é um testemunho que dão os alunos e isto é muito gratificante para nós. O aluno sente-se acolhido, aqui, bem, solto para discutir, não fica inibido. Mesmo alguns alunos que têm dificuldade, não são em absoluto reprimidos, pelo contrário, são incentivados e produzem. Infelizmente, nosso grande problema é o problema financeiro. Essa é a nossa cruz, porque é difícil. Na situação que nós estamos, para o aluno que em geral não é amparado pela família, é já profissional...

P. *Que é chefe de família...*

R. ... E que é chefe de família, que está lutando com dificuldade para se manter, para manter uma família, aí, então, mais uma mensalidade, que não é muito cara. Muitos cursos de segundo grau por aí estão quase equiparados ao preço da pós na PUC. Mas, também não é pouco e pesa no bolso das pessoas. Esse é o grande desafio nosso. Quem sabe consigamos alguma fonte milagrosa...
Esse é o grande desafio nosso. Quem sabe consigamos alguma fonte milagrosa...
Dinamismo, seriedade, produção, acolhida, respeito, unindo à seriedade acadêmica o sentido profundo do humano, é o rosto do programa.